

XI CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO IFSP ITAPETININGA

Itapetininga, 27, 28 e 29 de maio de 2025

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Câmpus Itapetininga

UMA ANÁLISE DOS RECURSOS SINTÁTICOS PRESENTES NA ARQUITETURA DO CONTO “MISSA DO GALO” DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Gabriela Cardoso Generato PIBIC-CNPq/IFSP-SPO¹

Cristina Lopomo Defendi - IFSP-SPO²

Introdução

No conto “Missa do Galo”, de Machado de Assis, o narrador, Nogueira, nos conta sobre uma conversa que tivera, na juventude, com sua anfitriã, mais velha, durante a noite de Natal, logo antes da Missa do Galo. Décadas mais tarde, o diálogo baixo e enigmático de Nogueira e Conceição ainda é fonte de influência literária, inclusive para Lygia Fagundes Telles, importante contista e romancista brasileira do século XX. Em “Missa do Galo de Machado de Assis: variações sobre o mesmo tema”, seis autores recontam o clássico de Machado, cada um a partir de uma perspectiva distinta, e entre eles está Lygia e sua releitura de estilo intimista, que não deixa, é claro, de dialogar, diretamente, com o texto machadiano. O presente recorte de pesquisa se debruça na análise da Missa do Galo de Lygia Fagundes Telles, para futuros fins de comparação com a análise feita do conto de Machado. Buscou-se delimitar de que forma os recursos sintáticos, levando em conta também a semântica, a pragmática e a estilística, são usados nos dois textos, como se aproximam e se distanciam no processo intertextual estabelecido, utilizando, para isso, os preceitos da Linguística Funcional.

Segundo Bakhtin, não há como estudar a forma gramatical sem levar-se em conta o seu significado estilístico: “todas essas formas podem e devem ser analisadas do ponto de vista das suas possibilidades de representação e expressão, isto é, esclarecidas e avaliadas de uma perspectiva estilística” (Bakhtin, 2013, p. 24-25). Ou seja, a escolha de um autor por uma forma gramatical em detrimento de uma *outra* deve ser avaliada, uma vez que ele irá optar por aquela que melhor expressar o sentido pretendido por ele, já que “nada no texto é gratuito e, portanto, qualquer diferença entre dois textos tem significação” (Neves, 2006, p. 246). Da mesma maneira, Lygia, como “a intertextualidade é o processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o texto incorporado, seja para transformá-lo” (Fiorin, 1997, p. 30), opta por outras abordagens ao conteúdo do texto de Machado, transformando seu sentido através da transformação de sua forma, ao mesmo tempo em que, no processo linguístico, também engloba e alude ao estilo do escritor carioca.

Assim, a contribuição de autores da Linguística Funcional é bastante relevante para o estudo e análise desse material literário, uma vez que explicam a língua como sendo configurada por meio da cognição humana e motivações comunicativas, ou seja, a língua deve ser vista sempre a serviço de determinado propósito, dentro de um determinado contexto. O texto literário, qualquer que seja, classifica-se como produto de uma prática real do uso da língua e, portanto, seu autor, durante a composição de sua forma, não pode

¹Estudante do curso de Licenciatura em Letras, IFSP-campus São Paulo-SP. E-mail do primeiro autor: gabriela.generato@aluno.ifsp.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7844-6581>

²Doutora em Letras (Língua portuguesa). Professora titular no IFSP, campus São Paulo-SP. E-mail do autor: crislopomo@ifsp.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9743-7097>

XI CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO IFSP ITAPETININGA

Itapetininga, 27, 28 e 29 de maio de 2025

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Campus Itapetininga

deixar de manifestar aspectos externos, como a intencionalidade. A forma do texto, como se articula e se ordena, está a serviço de uma função possibilitada pela língua.

Objetivos

O presente recorte de pesquisa, no qual foi feita a aplicação de conceitos da Linguística Funcional para traçar uma análise acerca das escolhas estilísticas de aspecto sintático no conto “Missa do Galo”, de Lygia Fagundes Telles, foi motivado por dois objetivos principais: possibilitar a identificação da intertextualidade com o conto original de Machado de Assis na materialidade linguística do conto da escritora paulistana; e demonstrar maneiras de se trabalhar o estudo funcional linguístico na literatura, diminuindo, assim, a separação entre essas duas áreas da linguagem.

Metodologia

Para a realização da análise, foram utilizados princípios e categorias da Linguística Funcional, como descritos por Cunha e Tavares (2016): a *marcação*, distinção feita entre um par contrastivo, sendo um deles considerado marcado ao possuir uma qualidade ausente no outro, o não marcado; a *iconicidade*, correlação natural e motivada entre forma e função (isto é, entre o código linguístico e seu significado); a *transitividade*, que, segundo Hopper e Thompson (1980, apud Cunha e Tavares, 2016, p. 30), é contínua, escalar, e se aplica a toda a oração e não somente ao verbo; e o *plano discursivo*, que se ocupa da organização estrutural do texto a partir da dicotomia *figura* e *fundo* narrativos.

A partir da seleção de trechos-chave do conto, o próximo passo foi o de análise minuciosa de sua construção sintática, utilizando-se do apoio teórico de autores e gramáticas fora do eixo tradicional do estudo da língua, como Castilho (2010) e Neves (2018), para o estabelecimento de padrões de estilo textual e um levantamento de dados quantitativos linguísticos — o que possibilitou uma análise da atuação dos princípios *marcação* e *iconicidade* no texto. Então, foi possível estabelecer o *plano discursivo* do conto, separando os trechos entre *figura* e *fundo* narrativo, ou seja, trechos que servem à descrição e aos comentários da narradora e personagens, o fundo, e trechos que são centrais e progridem a narrativa, a figura. A avaliação dessa dicotomia se deu pela análise dos graus de *transitividade* dos trechos-chave.

Resultados

Apresentam-se, aqui, alguns resultados acerca da sintaxe empregada no conto de Lygia Fagundes Telles que diferem em vários pontos do conto machadiano.

O primeiro deles é o uso ressaltado do aspecto imperfectivo do verbo, o que é indicado pela alta presença do presente do indicativo em detrimento do pretérito perfeito para designar as ações da narradora e dos personagens que esta observa, como em “Encosto a cara na noite e vejo a casa antiga” (Telles, 2018, p. 342) e “Ele fecha o livro. Ela tranca a porta” (Telles, 2018, p. 349). Pela sua propriedade de não acabado (Neves, 2018), o presente do indicativo traz à narração a ideia de acompanhamento da ação enquanto esta está “em curso”, o que faz com que se crie a ideia de um “eu observador que explicita como vai operando sua câmera/lente para focar a cena de que se aproxima.” (Dias, 2009, p. 354). Tendo o controle da “câmera”, a narradora consegue se aproximar e se distanciar das cenas, buscar outros ângulos, assim como avançar e retroceder temporalmente nos acontecimentos, o que imprime ao conto um forte aspecto metalinguístico.

XI CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO IFSP ITAPETININGA

Itapetininga, 27, 28 e 29 de maio de 2025

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Campus Itapetininga

Em segundo lugar, há utilização intensa de sentenças de fraco ou nenhum valor verbal, o que pode ser observado na grande presença de orações com predicados nominais ou no uso do que Castilho (2010, p. 317) denomina de “minissentenças”, ou “sintagmas nominais, adjetivais, adverbiais e preposicionais não selecionados por um verbo em forma pessoal”, como, a mérito de exemplo, “A estante envidraçada, alguns livros e vagos objetos nas prateleiras penumbrosas” e “Um jovem tão nítido” (Telles, 2018, p. 342). Segundo o gramático, as minissentenças têm a capacidade de assegurar “grande velocidade ao texto, justamente por pressuporem participantes, estados, ações e eventos facilmente identificáveis no contexto” (Castilho, 2010, p. 316). Tais usos, somados ao aspecto imperfectivo, fazem com que o texto seja formado predominantemente por orações de baixo grau transitivo, formando um *fundo* narrativo que se sobressai à *figura*, o que é responsável por imprimir ao conto um caráter mais “estático”, em que se tem mais o comentário e a observação da ação ao invés de sua condução propriamente dita.

As orações de maior grau transitivo, ou seja, a figura narrativa, em sua maioria, ainda assim não atingem todos os parâmetros sintáticos-semânticos estabelecidos por Hopper e Thompson (1980, apud Cunha e Tavares, 2016) e utilizados neste estudo. Por exemplo, as já citadas “Ele *fecha* o livro. Ela *tranca* a porta”, sentenças presentes nos últimos parágrafos da obra, atingem grau nove de dez em *transitividade*. Possuem sujeito agente, intencional, objeto individuado e afetado pela ação, esta que é real, afirmativa e possui movimento, mas que, porém, não é perfectiva, ainda está no campo do “não acabado” típico do verbo no presente. O que se depreende a partir disso é que mesmo as sentenças centrais do texto, aquelas que ditam determinada sequência temporal de acontecimentos, são centradas, na verdade, no “não acontecimento”, em eventos inacabados.

Outro ponto relevante trazido à tona pela análise é o uso do que Neves (2006) chama de *pausa dramática*, ou seja, uma indicação de encerramento que não se efetua, e, portanto, o acréscimo de algo em seguida possui efeito dramático. Tal construção pode ser encontrada em trechos como “Sem alterar as superfícies tão inocentes como essa noite diante do que vai acontecer. *E* do que não vai acontecer — precisamente o que não acontece é que me inquieta. *E* excita, o céu tão claro de estrelas.” (Telles, 2018, p. 342-343), com a utilização da conjunção “e” no início de período após o ponto final. Este uso, bastante singular, pode indicar maneiras de funcionamento tanto da *marcação*, quanto da *iconicidade* linguísticas no conto. No que diz respeito ao princípio da *iconicidade*, a criação dessa “pausa dramática” constitui uma quebra com seu subprincípio de integração, ou seja, a ideia de que os conteúdos mais integrados cognitivamente também estarão mais integrados no nível da codificação (Cunha e Tavares, 2016). Essa quebra, a posição da continuação do pensamento após o ponto final, é, portanto, expressiva. E é também marcada, no passo que representa uma aplicação incomum da conjunção “e”, o que está de acordo com o critério de distribuição de frequência da *marcação* prototípica, referente à estrutura marcada ser menos frequente que seu par contrastivo (Cunha e Tavares, 2016). Também é marcada, segundo o mesmo critério, a presença em peso no conto de Lygia de orações interrogativas, como “Vocês sabem que dentro de alguns minutos será o nunca mais?” (Telles, 2018, p. 348), menos frequentes que orações declarativas na língua em uso.

XI CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO IFSP ITAPETININGA

Itapetininga, 27, 28 e 29 de maio de 2025

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Campus Itapetininga

Conclusão

Partindo-se da aplicação dos princípios e categorias da Linguística Funcional, explicados por Cunha e Tavares (2016), como a utilização dos parâmetros de *transitividade* para a determinação do *plano discursivo* do conto, assim como a observação atenta do texto para a análise do funcionamento dos princípios *marcação* e *iconicidade* na confecção literária de Lygia Fagundes Telles, foi possível atestar alguns pressupostos funcionalistas, aqueles que dizem respeito à forma linguística estar à serviço de determinada função, determinado efeito de estilo. As escolhas dos aspectos verbais, das construções de sentenças nominais ou minissentenças, assim como a mera disposição atípica de conjunções, são responsáveis, respectivamente, pela atmosfera de “não acontecimento” do conto (que é majoritariamente *fundo* narrativo), de sua velocidade de leitura e de seu efeito dramático. Verificou-se, com o estudo acima demonstrado, que o conto de Lygia diverge-se de diversas maneiras do estilo de Machado de Assis ao contar a mesma história, principalmente por seu caráter mais nominal e menos verbal, que se destaca inclusive dentro do que é tipicamente narrativo, ou seja, a existência de ação, de eventos acabados seguidos de outros. O que a análise sugere, entretanto, é que talvez esse seja o grande ponto de contato entre o conto machadiano e sua releitura, e o que garante a repetição da atmosfera narrativa: a contação de uma história de “não acontecimentos”, mais preocupada com o que não se concretiza entre suas personagens principais.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da e TAVARES, Maria Alice (org.). Linguística funcional e ensino de gramática. IN: **Funcionalismo e ensino de gramática** [recurso eletrônico]. Natal, RN: EDUFRN, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/21375>
- DIAS, Maria Heloísa Martins. A "Missa do Galo" na matriz e nas filiais. Araraquara: **Itinerários**, n. 29, p. 353-370, jul/dez. 2009.
- NEVES, M. H. M. **A Gramática do Português revelada em Textos**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- NEVES, M. H. M. Falar de... e dizer que... Ou: A construção das predicções. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 34-74
- TELLES, Lygia Fagundes. **Os contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 342-349.